

A LITERATURA DO PODER EM WILLIAM SHAKESPEARE

Salvador Dimech

INTRODUÇÃO

A evolução da crítica vem apresentando, ao longo dos séculos, vários conceitos de literatura. Inicialmente, esta crítica era reduzida a uma arrumação quanto possível cronológica de estilos, autores e obras; dados necessários ao entendimento da obra. Posteriormente, surgem os valores intrínsecos como: valores estruturais e estéticos de obra. A crítica, na sua contínua evolução, procura vencer as limitações sociais e épocas, objetivando uma interpretação, cada vez mais subjetiva, relacionada ao comportamento psicológico humano, proporcionando assim leituras e interpretações, conforme as experiências do crítico e valores de época. Sem dúvida, o aspecto psicanalítico dos personagens, a partir de Sigmund Freud, é sempre atual e interessante.

Em nosso trabalho sobre a literatura do poder no dramaturgo inglês, William Shakespeare, a partir do ensaio de Thomas De Quincey: **The Literature of Knowledge and the Literature of Power** (A literatura do Conhecimento e a Literatura do Poder), pretendemos analisar os dois tipos de literatura: a do conhecimento e a do poder. De Quincey focaliza o interesse na relação que a leitura cria entre o leitor e o próprio texto; e ao mesmo tempo os efeitos que ela deixa sobre o leitor. Outros críticos e estudiosos de William Shakespeare – A.C. Bradley, Harold Bloom e o próprio Sigmund Freud – são também fontes para nos ajudar a entender melhor o poder de literatura encontrado nos discursos de personagens criados por Shakespeare, profundo conhecedor da alma humana. Pensamentos e frases de Shakespeare atravessam os séculos, e chegam até os nossos dias com todo poder de convencimento, transformando-se em verdades humanas infinitas. Sua profundidade colabora na transformação e elevação da alma.

1. FUNÇÕES DA LITERATURA

1.1 Literatura do conhecimento

Uma das funções da literatura, é de passar ao leitor conhecimentos e informações sobre os mais diversos assuntos, tão importantes para a vida de qualquer cidadão. Assim, a literatura do conhecimento visa o *ensinar*, facilitando a compreensão através das explicações discursivas. Este tipo de literatura está expresso nas enciclopédias ou mesmo nas grandes teorias como **A Teoria de Relatividade** de Albert Einstein e **A Lei de Gravitação Universal** de Isaac Newton. O valor destas obras não se perde ao longo dos séculos, mas na medida em que outras informações mais atualizadas são passadas, a curiosidade e o interesse do leitor vão diminuindo, considerando que importantes obras, ficam superadas. A literatura do conhecimento é vinculada ao novo, à curiosidade e à mente, nunca aos sentimentos ou à compreensão do coração humano. As grandes obras do conhecimento lançam os fundamentos do conhecimento humano; mas o progresso da ciência, rapidamente leva ao esquecimento todas essas obras, considerando que não acrescentam mais nada à necessidade do leitor. Sua função acaba à medida que não interessa mais ao leitor.

1.2. Literatura do poder

A literatura do poder, objeto do nosso estudo, conforme De Quincey, tem uma função específica: *mover* o leitor, não através da curiosidade informativa, mas através dos sentimentos do prazer, da solidariedade e da compaixão. Normalmente, esta literatura envolve as paixões humanas,

os desejos e as emoções revigorantes do homem. Estas verdades – ocultas na literatura do poder – tanto podem elevar o homem a grandes alturas como a grandes profundidades. Estas características de mover o leitor são a razão de se chamar o texto de literatura do poder.

Esta literatura cria e fortalece, no homem, um sentimento de ternura e admiração, principalmente com os indefesos. Esta visão humana, ao ser nutrida e elevada, se encontra com aqueles sentimentos que nós chamamos de divinos, pois nunca se acabam e que levam para uma vida mais tranqüila. Naturalmente, esta literatura do poder se encontra especialmente nos Livros Sagrados que apresentam verdades divinas para reflexões profundas. Encontra também em grandes autores como o dramaturgo William Shakespeare. De Quincey chama esta literatura do poder de: “Sermões semanais de cristandade, aquele vasto púlpito de literatura que age tão exclusivamente sob a mente popular – para admoestar, apoiar, renovar, confortar, alertar (...)” (1973, p.740).

Além de Shakespeare podemos citar grandes obras que nunca perderam o seu valor, nem tão pouco o interesse de leitor. A “**Iliade**” de Homero, os três dramaturgos gregos clássicos: Ésquilo, Sófocles e Eurípides transformando a tragédia de um simples coral para um drama o *cartarse*, ou seja, *uma purificação dos sentimentos através do surgimento da piedade e do terror*. (Anthony Burgess, 1996, p. 59). As grandes epopéias: **Enéida** de Virgílio, **A Divina Comédia** de Dante Aleghiere, **Paraíso Perdido** de John Milton, **Os Lusíadas** de Luís Vaz de Camões e podemos ainda citar a obra **Grande Sertão: Veredas** de Guimarães Rosa – todas envolvendo, não apenas as angústias dos personagens, mas também as angústias da tragédia humana. Estas obras não são apenas uma história, mas expressam o que há de mais profundo na alma humana.

2. LITERATURA DO PODER EM WILLIAM SHAKESPEARE

2.1 – William Shakespeare (1564 – 1616)

Shakespeare é considerado a glória maior do drama elizabetano do século XVI e da própria literatura inglesa, sendo eleito o homem do II Milênio pelos ingleses. Suas trinta e sete (37) peças tem sido objeto de estudo e análise durante esses quatro séculos. Novos aspectos e novas abordagens literárias são continuamente realizadas, expressas nas diversas edições anuais, críticas e todos os tipos de estudos publicadas tanto nos países de língua inglesa, como estrangeira, inclusive na língua portuguesa. As obras de Shakespeare são analisadas versículo por versículo, considerando que todos eles expressam reflexões sobre verdades que atingem os homens naquilo que todos são iguais – sua natureza. Sua grandiosidade foi assim resumida: “*Depois de Deus, Shakespeare foi a pessoa que mais criou*” (Dumas *apud* Burgess, 1966, p.99).

Shakespeare criou a maior galeria de personagens, que causam espanto por sua variedade de caracteres e profundidade. O próprio Freud, estudioso de Shakespeare, aproveitou o personagem de Lady Macbeth, como um caso patológico, para explicar a teoria psicanalítica do **Fracasso do Sucesso**. Certamente esta riqueza de variedade e profundidade se deve a dois fatores: primeiro que Shakespeare era ator, por isto conhecedor da “*sua platéia - uma mistura de aristocracia, letrados, almofadinhas, gatunos, marinheiros e soldados em licença, estudantes e aprendizes*” (Burgess, 1966, p. 91). Segundo, porque Shakespeare assimilou toda secularização elizabetana, ou seja, se sentia completamente livre da influência religiosa, podendo, assim, se expressar e explicar todos os sentidos da alma humana. Shakespeare não era considerado um dramaturgo clássico, por não seguir as regras clássicas da tragédia grega – unidade de ação, tempo e espaço - mas sim, de agradar todas as camadas da sua platéia. Isto o levou a criar, cada vez mais, personagens reais com quem a platéia podia se identificar. Segundo Goethe, Shakespeare tinha “mil almas” e que é justamente considerado o “*primus inter pares*” da literatura universal de todos os tempos.

Apresentamos a força do poder da literatura em Shakespeare a partir de duas abordagens. A primeira abordagem da literatura do poder consiste na organização de diversos pensamentos atribuídos a Shakespeare, produzidos por autores desconhecidos, que expressam o conhecimento

profundo de Shakespeare sobre a natureza humana. Estes pensamentos se tornaram verdadeiros provérbios, ou sabedoria popular, cuja força literária, através da reflexão, eleva o homem e o amadurece espiritualmente. A segunda abordagem é baseada no texto da **Tragédia de Macbeth** e assim identificamos o capítulo, cena e versículo dos excertos conforme se encontram no original inglês (1997, p 256), apresentamos também sua tradução para o português. Assim, podemos ter contato, o quanto possível, com a força do texto no original. A nossa tradução não é *ipsis litteris*, mas expressa, o quanto possível, o pensamento do personagem dentro do contexto da peça.

2.2. Sabedoria de William Shakespeare

- 2.2.1 Depois de algum tempo você aprende a diferença, a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.
- 2.2.2 Você aprende que amar não significa apoiar-se, e que companhia nem sempre significa segurança.
- 2.2.3 Você aprende que beijos não são contatos e presentes não são promessas. E começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e olhos adiante, com a graça de um adulto e não como a tristeza de uma criança.
- 2.2.4 Você aprende a construir todas as suas estradas hoje, porque o terreno do amanhã é incerto demais para os planos, e o futuro tem o costume sair em meio ao vão.
- 2.2.5 Depois de um tempo você aprende que o sol queima se ficar exposto por muito tempo.
- 2.2.6 Você aprende que não importa o quanto você se importe, algumas pessoas simplesmente não se importam...
- 2.2.7 Você aceita que não importa quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo de vez em quando e você precisa perdoá-la por isso.
- 2.2.8 Aprende que falar pode aliviar dores emocionais...
- 2.2.9 Descobre que se leva anos para construir confiança e apenas segundos para destruí-la, e que você pode fazer coisas em um instante, das quais se arrependerá pelo resto da vida.
- 2.2.10 Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias.
- 2.2.11 O que importa não é o que você tem na vida, mas quem você é na vida.
- 2.2.12 Bons amigos são a família que nos permitiram escolher.
- 2.2.13 Aprende que não temos que mudar de amigos se compreendemos que os amigos mudam, percebe que seu melhor amigo e você podem fazer qualquer coisa, ou nada, e terem bons momentos juntos.
- 2.2.14 Descobre que as pessoas com que você mais se importa na vida são tomadas de você muito depressa e por isso , sempre devemos deixar as pessoas que amamos com palavras amorosas, pode ser a última vez que as vejamos.
- 2.2.15 Aprende que as circunstâncias e os ambientes têm influência sobre nós, mas nós somos responsáveis por nós mesmos.
- 2.2.16 Começa a aprender que não se deve comparar com os outros, mas com o melhor que pode ser.
- 2.2.17 Descobre que se leva muito tempo para se tornar a pessoa que se quer ser, e que o tempo é curto.
- 2.2.18 Aprende que, não importa onde já chegou, mas onde está indo, mas se você não sabe para onde está indo, qualquer lugar serve.
- 2.2.19 Aprende que, ou você controla seus atos ou eles o controlarão, e que ser flexível não significa ser fraco ou não ter personalidade, pois não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre existem dois lados.
- 2.2.20 Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as conseqüências.
- 2.2.21 Aprende que paciência requer muita prática.
- 2.2.22 Descobre que algumas vezes, a pessoa que você espera que o chute quando você cai, é uma das poucas que o ajudam a levantar-se.

- 2.2.23 Aprende que maturidade tem mais a ver com os tipos de experiência que se teve e o que você aprendeu com elas, do que com quantos aniversários você celebrou.
- 2.2.24 Aprende que há mais dos seus pais em você do que você supunha.
- 2.2.25 Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens, poucas coisas são tão humilhantes e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso.
- 2.2.26 Aprende que quando você está com raiva tem o direito de estar com raiva, mas isso não lhe dá o direito de ser cruel.
- 2.2.27 Descobre que só porque alguém não o ama do jeito que você quer que ame, não significa que esse alguém não o ama com tudo o que pode, pois existem pessoas que nos amam, mas simplesmente não sabem como demonstrar ou viver isso.
- 2.2.28 Aprende que com a mesma severidade com que julga, você será em algum momento condenado.
- 2.2.29 Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi partido, o mundo não pára para que você o conserte.
- 2.2.30 Aprende que o tempo não é algo que possa voltar para trás. Portanto, plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores.
- 2.2.31 Você aprende que realmente pode suportar... que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não pode mais.
- 2.2.32 Realmente a vida tem valor e que você tem valor diante da vida!

2.3. Citações da *Tragédia de Macbeth*

A grandeza e força do drama de Shakespeare não consiste nos enredos, que ele normalmente tira de livros de história, especialmente das “**Crônicas da Inglaterra, Escócia e Irlanda**”, de Rafael Holinshed, mas da nova roupagem e nova vida que Shakespeare dá aos personagens através dos discursos. Citamos alguns discursos proferidos por personagens em **Macbeth**, nos momentos de clímax do enredo e que expressam, não apenas os sentimentos mais profundos do personagem, mas a realidade do homem.

2.3.1 Valores Inversos – as Bruxas

- *Fair is foul, and foul is fair (I. i. 10)*
- O bem, e o mal, é tudo igual,

2.3.2 Arrependimento - Macbeth

- *Had I but died an hour before this chance / I had lived a blessed time (II.iii. 87-88)*
- Tivesse eu sucumbido uma hora antes deste momento e dera por ditoso o meu tempo na terra.

2.3.3 Desespero - Macbeth

- *I am bent to know, / by the worst means, the worst. (III.iv. 134-5)*
- Estou agora decidido a saber pelos piores meios, o pior.

2.3.4 Caminho sem retorno - Macbeth

- *For mine own good / All causes shall give way; I am in blood / Stepped in so far, that, should I wade no more / Returning were as tedious as go o'er. (III.iv.135-8)*
- Ante aos meus interesses fui tão longe neste rio de sangue, que, a vadeá-lo, retroceder, ser-me-ia tão penoso quanto ir adiante.

2.3.5 Agir sem pensar nas conseqüências - Macbeth

- *From this moment / The very firstlings of my heart shall be / The firstlings of my hand. (IV. i. 146-8)*
- Desde agora andem sempre acertados os primeiros impulsos de minha alma com os de minha mão.

2.3.6 Enfrentar o inimigo em qualquer situação sem nunca se desesperar - Macbeth

- *They have tied me to a stake; I cannot fly / But, bear-like, I must fight the course.*

(V.vi. 11- 12)

- Amarraram-me a um poste; não posso me livrar mas é preciso que, à maneira do urso eu lute até o fim.

2.3.7 Macbeth, o violento e irracional, abre o seu coração e define a vida para a plateia

- *Life's but a walking shadow, a poor player / That struts and frets his hour upon the stage / And then is heard no more; it is a tale / Told by an idiot, full of sound and fury / Signifying nothing. (V.v. 24- 28)*
- A vida é uma sombra ambulante, um pobre ator que gesticula em cena uma hora ou duas depois não se ouve mais; um conto cheio de bulha e fúria, dito por um louco significando nada.

2.3.8 Imaginação é imaginação – Lady Macbeth

- *The sleeping and the dead / Are but as pictures, 't is the eye of childhood / That fears a painted devil. (II. ii. 52-54)*
- Aqueles que estão mortos ou dormem são pinturas apenas. As crianças é que temem ver o diabo pintado.

2.3.9 A noite escura invocada para esconder o assassinato – Lady Macbeth

- *Come, thick night, / And pall thee in the dunnest smoke of hell, / That my keen Knife see not the wound it makes. / Nor heaven peep through the blanket of the dark / To cry, "Hold, hold! (I.v. 48-52).*
- Vem, noite tenebrosa, e te reveste do mais espesso fumo dos infernos para que meu punhal não veja o golpe que vibrará, nem possa o céu ver nada através do lençol da escuridade para gritar: detém-te

2.3.10 A violência não recompensa – Lady Macbeth

- *'T is safer to be that which we destroy, / Than by destruction dwell in doubtful joy. (II.ii. 6-7)*
- Mais vale ser a vítima destruída do que, por à destruir, destruir com ela o gosto de viver.

2.3.11 As forças inconscientes traem Lady Macbeth no seu sonâmbulo e a condenam

- *Naught's had, all's spent, / Where our desire is got without content; / 'T is safer to be that which we destroy, / Than by destruction dwell in doubtful joy. (III.ii. 4-7)*
- Nada ganhamos, não, mas, ao contrário, tudo perdemos quando o que queríamos e que queríamos, obtemos sem nenhum contentamento. vale mais ser a vítima destruída do que por a destruir, destruir com ele o gosto de viver.

2.3.12 A culpa confessada nas alucinações – Lady Macbeth

- *Here's the smell of the blood still: all the perfumes of Arabia / Will not sweeten this little hand. Oh! Oh! Oh! (V.i. 40-1)*
- Sinto ainda aqui o cheiro do sangue, nem todos os perfumes da Arábia poderão fazê-lo desaparecer desta mão pequenina. Oh! Oh! Oh!

2.3.13 Caso Irreversível – Lady Macbeth

- *What's done cannot be undone. To bed, to bed, to bed. (V.i. 55)*
- O que está feito não pode ser desfeito. Deita-vos, deita-vos, deita-vos.

2.3.14 Socorro divino - Banquo

- *Merciful powers/restrain in me the curses thoughts. (II.i.25-6)*
- O Potestades Misericordiosas! reprimi em mim os maus pensamentos

2.3.15 Conciliar os opostos - Macduff

- *Such welcome and unwelcome things at once / 'T is hard to reconcile. (IV.iii. 138 – 139)*
- Duras de conciliar são tantas coisas boas e más.

2.3.16 Fazer o bem às vezes parece loucura – Lady Macduff

- *Whither should I fly / I have done no harm. But I remember now / I am in this earthly world to do harm / Is often laudable, to do good sometime / Accounted dangerous folly. (IV.ii. 70-75)*
- Onde fugir? Não cometi maldade. Mas, agora me lembro estou num mundo, em que fazendo o mal é muitas vezes louvado, e praticar o bem é tido às vezes por loucura perigosa.

2.3.17 Apelo à Divina Providência

- *I know him now. Good God betimes remove / The means that makes us strangers. (IV.iii. 162-163)*
- Agora sei quem é. Deus de bondade afastai prontamente as tristes causas que nos tornam estranhos uns aos outros!.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa sobre a literatura do poder tem muito a ver com a condição humana, sendo o homem a criatura mais dependente para o seu crescimento e desenvolvimento. O homem, conforme os filósofos, nasce *tabula rasa*, ou seja, sem nenhum conhecimento e ainda, fisicamente, muito frágil. Por isto, por longos anos depende da dedicação e solidariedade dos seus semelhantes para o seu desenvolvimento.

O homem, na expressão de Freud, deve enfrentar o **princípio de realidade**, ou os permanentes desafios da vida. Shakespeare expressa esta dura realidade, em dois versos encontradas em **Hamlet**. A primeira referente ao dilema em Hamlet, quando ele, no seu solilóquio, afirma: “**Ser ou não ser - eis a questão**” (III.ii.201). É uma expressão cujas reverberações são infinitas, vivas até hoje. Hamlet questiona se deve ou não tomar qualquer atitude para vingar a morte de seu pai. Qualquer alternativa resulta na própria morte, tanto ser forte, enfrentando os inimigos, ou mesmo “dormir” e “sonhar” e morrer na covardia. A segunda expressa nas palavras do personagem do Rei (Ator): *Somos donos de nossos pensamentos, seus fins, não nos pertencem* (III.i.56). Assim, Shakespeare afirma que o nosso destino não depende apenas de nossos planos, mas, também, da influência de fatores alheios a nossa vida.

Certamente colaboramos com aquilo que nós somos, através das nossas ações e omissões, dependendo da nossa formação. Conforme De Quincey, nós adquirimos esta formação através da literatura do poder que: “*restaura na mente do homem os ideais de justiça, de esperança, de verdade, de compaixão e de retribuição, que de outra maneira (a vida sendo largada a própria sorte) seus ideais se definhariam por falta de ilustrações*” (1973, p742).

Concluimos que a leitura de livros, como as peças de Shakespeare, pertencentes à literatura do poder, muito ajudarão o homem a alcançar uma harmonia e tranquilidade espiritual, elevando-o a um alto grau de perfeição.

3. REFERÊNCIAS

- BLOOM, Harold. **Shakespeare: a invenção do homem**. Trad. José Roberto O'shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. 896p. (Original Inglês)
- _____. Harold, TRILLING, L. **Romantic Poetry and Prose**. New York: Oxford University Press, 1973.
- BRADLEY, Andrew. C. **Shakespearean Tragedy: lectures on Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth**. New York: Macmillan, 1970. 432p.
- BURGESS, Anthony. **English Literature: a survey for students**. Essex, England: Longman Group Limited, 1984. 278p.
- _____. Anthony. **A Literatura Inglesa**. São Paulo, Editora Ática S. A, 1996. 312p.
- DE QUINCEY, Thomas. **The literature of knowledge na the literature of power**. In: BLOOM, Harold, TRILLING, L. (Ed.). **Romantic Poetry and Prose**. New York: Oxford University, 1973. p. 741-44.
- DIMECH, Salvador. **Contradiction in the Tragedy of Macbeth**. João Pessoa:UFPB, 2001. 112.p.
- DUMAS. *Apud* BURGESS, Anthony. **English Literature: a survey for students**. Essex England: Longman Group Limited, 1984. p. 82.
- SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. In: New Swan Shakespeare. Ed. With notes by Bernard Lott,. Malaysia: Longman Group Limited, 1997. 239p.
- _____. **Macbeth**. In: Manuel Bandeira. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense. Malaysia: Longman Group Limited, 1994. 119p. (Original Inglês)
- _____. **Macbeth**. In: New Swan Shakespeare. Ed. with notes by Bernard Lott,. Malaysia: Longman Group Limited, 1997. 256p.
- _____. **Livro das Citações de Shakespeare de A a Z**. Sergio Faraco (Org.) Reimp. L&PM Editores. Porto Alegre, 2004. 139p.

